

EMIGRAÇÃO—O DRAMA DA AUSÊNCIA EM PROL DA PROMOÇÃO FAMILIAR E SOCIAL

ESTE NATAL TÃO DIFERENTE... Emigrantes

MAIS UM ANO!

Este Natal 1969, não sei porquê, mas pareceu um Natal diferente. Melhor? Pior? Mais, ou menos, feliz? Cada um poderá responder por si? Talvez não. Foi sem dúvida mais um Natal que passou. Um Natal diferente, inédito, para todos aqueles que pertencem à geração que viu a assombrosa viagem dos homens através do espaço e a sua descida na Lua!

Pudemos, neste ano que findou, pisar a Lua dos poetas, mas, as estrelas parecem ter perdido para nós o anterior encantamento, o fulgor, o brilho, que fez as delícias da nossa meninice extasiada perante esses modestos armamentos, tantas vezes feitos de simples papel prateado, com que embelezámos os amorosos presépios, cheios de luzes e a respirarem paz. A paz que havia nas famílias! É que, não sei porquê, quanto mais o Menino Deus, Pai e Rei do Universo, permite que os homens avancem em ciência e conhecimentos, mais nos deixa compenetrar da nossa pequenês, da nossa pobreza perante as maravilhas que vamos descobrindo,

Gastámos milhões. Realizámos sem dúvida um feito assombroso, mas, o que fomos encontrar? Um astro morto que as mãos do homem não consegue animar com vida!

É pensando bem, o que ganhou a Humanidade com essa maravilhosa viagem? Mais felicidade? Não! Mais ambição, mais rivalidades entre as Nações, entre os homens que as dirigem, e que, mercê dum orgulho natural e humano, não querem deixar-se ultrapassar. Gastaram-se milhões. Para bem? Para mal? O Mundo continua sem paz, as desinteligências são cada vez maiores, entre os povos, a paz não reina nas famílias.

É caso para perguntar: Terá valido a pena?... Morre-se de fome na Ásia e na África! Tal como há 2.000 anos, há os que sofrem fome e sede de justiça, há os que não têm roupa para se cobrir, os que morrem desamparados, os que vivem na solidão imensa, sem o bálsamo duma esperança. Há crianças que sofrem, há velhos para quem a vida é uma cruz dolorosíssima de arrastar, há jovens que possuindo família a repelem, ou foram por ela desamparados. Continuam a viver lado a lado os muito ricos de bens materiais e os que não possuem nada.

Há famílias desavindas. Valerá realmente a pena?

Mais um Natal se passou, bem diferente, porque alguns, certamente, se deixaram inebriar pela vaidade das conquistas da ciência. Mas concerteza que este Natal nos trouxe menos consolações espirituais, porque, os homens, não se entendem, não são capazes de construir um Mundo de paz.

Que o Natal de 1969, que há pouco vivemos, acenda em cada um de nós, como um raio de sol, a esperança na vinda do Salvador, para que todos demos as mãos, e juntos, possamos realmente construir um mundo novo, rico de bens espirituais, onde todos sejamos irmãos, um mundo mais justo, com menos fome, sem desinteligências. Numa palavra, um mundo pleno do amor de Cristo, que tornará os homens realmente felizes. Então, como será diferente o nosso Natal!

TAISS

Manifestou-se um incêndio na Igreja de Pousaflores

A pacata povoação de Pousaflores foi, na noite do passado dia 29, alertada por motivo de um insólito e trágico acontecimento.

Quando o sacristão sr. João Simões se dispunha a recolher-se à cama — seriam 23 horas — providencialmente acorreu-lhe vir à porta ver o tempo. O que viu, porém, foi alarmante: da igreja o fogo irrompia, forte, na direcção da capela-mor.

A toda a população local foi dado o alarme e logo foram pedidos, telefonicamente, os Bombeiros de Ansião e Alvaiázere que prontamente compareceram.

A rapidez com que foram dados os socorros fez que o incêndio — ao que se julga motivado por curto circuito — não se tivesse propagado à sacristia nem ao corpo da igreja. Ardeu quase todo o altar-mor, de rica ta-

lha dourada, tendo abatido o tecto. O Santíssimo Sacramento que se encontrava em sacrário de cofre de ferro, foi então transferido para o Salão Paroquial.

O Rev.mo Pároco sr. Padre António Lopes de Melo que assistiu ao apagar do incêndio, elogiou, no final, a acção dos Bombeiros, afirmando que à sua rápida comparência se fica devendo não ter o incêndio mais trágicas proporções.

O Sr. Bispo de Coimbra, Fr. Francisco Rendeiro, visitou no dia imediato esta igreja, avisando-se com o Rev. Pároco a quem deu todo o amparo moral.

Desde logo a população manifestou a melhor boa vontade e entusiasmo na restauração da igreja, sendo fácil prever um

(Continua na pág. 3)

—O drama da fuga em prol da Promoção Social

O nosso jornal — porta-voz duma região rural e industrial, duramente atingida pela vaga da Emigração — quis debruçar-se sobre este problema de magna importância social e espiritual.

Um grupo de jovens (5) fez encontro com 9 emigrantes a quem entrevistou. Além disso publica-se «CARTA aos Emigrantes», «O Direito de Emigrar», «Problema Religioso dos Emigrantes», «A procura dum Novo Sol», Estatística, Pensamento da Igreja, etc.

VER PÁGINAS CENTRAIS

O NOSSO JORNAL FAZ ANOS

É verdade! Também nós nos damos ao luxo de fazer anos... Por agora apenas três! Não são muitos... mas já os suficientes para sentirmos as alegrias e sofrimentos duma caminhada dignificante, em prol do ideal cristão e da região onde vivemos.

«Voz das Cinco Vilas», pequeno embora, mantém-se já bem de pé e caminha por si.

É ainda pequena a jornada mas já bastante

para se terem experimentado muitas das dificuldades, lutas, alegrias, deste nobre trabalho da pequena imprensa.

O jornal surgiu modesto e despretencioso, sem outra ambição que não fosse o de colaborar numa obra de elevação moral e social da região que lhe dá o nome. À luz do ideal cristão — como boletim interparoquial que é — tem encarado cristãmente

(Continua na pág. 3)

(AVENÇA)

VOZ das CINCO VILAS

Redacção e Administração
Chão de Couce (Tel. 191) — Avelar

Janeiro de 1970
ANO IV N.º 37

— PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO —

«Voz das Cinco Vilas» e os seus colaboradores

Com prazer registamos, neste número de aniversário, os nomes dos principais colaboradores do ano transacto:

Manuel Leal Júnior, Carlos Manuel Menezes Falcão, Acílio Estanqueiro Rocha, Acácio Marques, Arménio Rodrigues Dias, Dr.ª Maria Alice Abreu Medeiros, Maria Ester da Silva, Jacinto Vega, Abel Guerra, Emídio Medeiros, Dr.ª Maria Helena Abreu Serra, Gracinda da Conceição Ribeiro Marques, Arménio Rosa Medeiros, Dr. António Freire e Párocos da região.

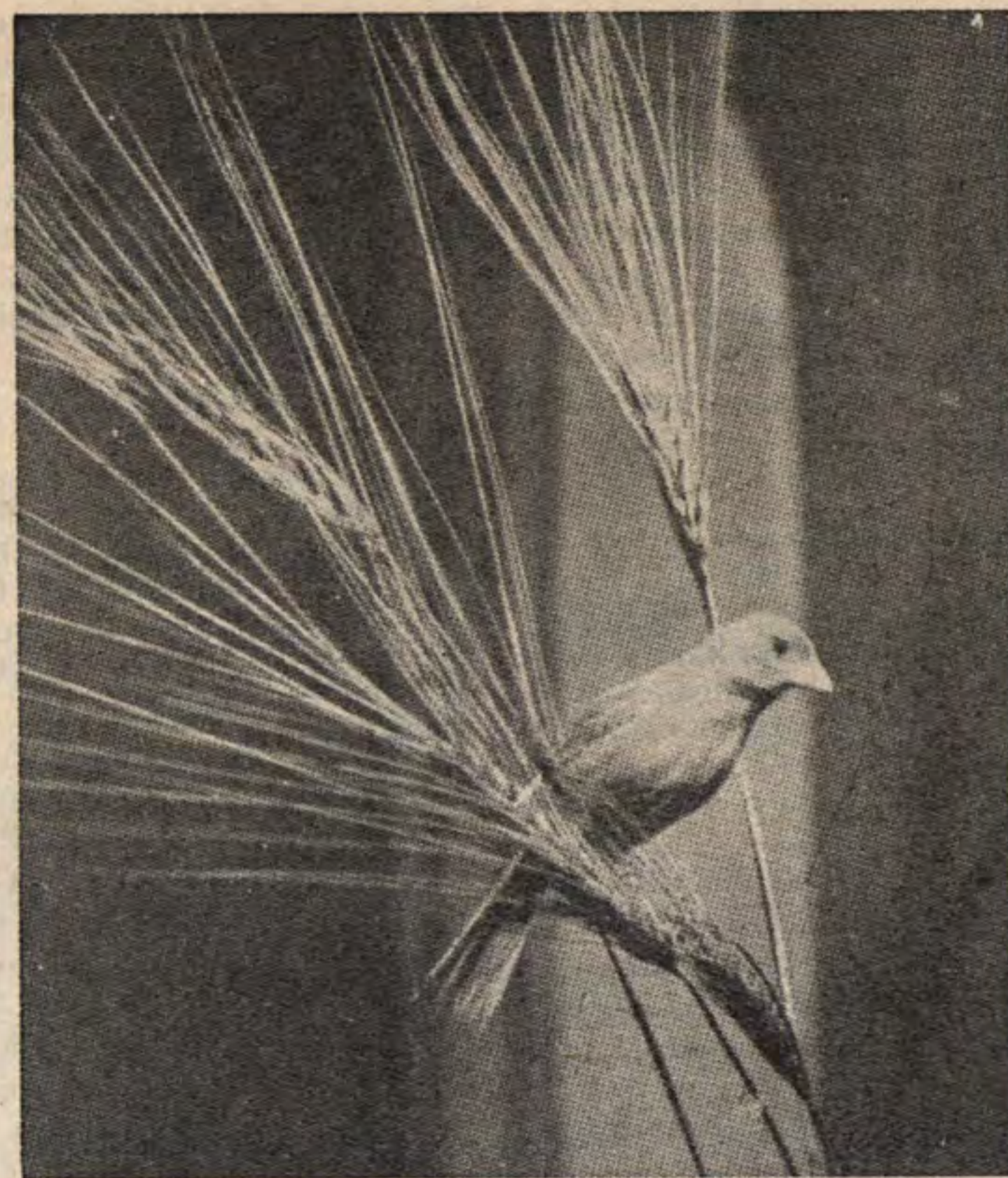
«Voz das Cinco Vilas» vai assim vivendo como trabalho de verdadeira equipa.

Fernando Ramos

Faleceu em Lisboa o sr. Fernando de Barros Vieira Ramos, de 56 anos, prestigioso director comercial da «Sacor», ligado a Chão de Couce, terra de sua mãe, D. Assunção Ramos, e onde passou parte da sua meninice e possuía grande número de amigos.

Fernando Ramos a todos se impunha como homem de grande espírito de trabalho, inteligência e iniciativa (bem evidenciados no seu alto cargo na

(Continua na pág. 3)



1969 — ANO DA LUA.

1970 — SERÁ O ANO DA TERRA?

DIZ RAUL FOLLEREAU:

Renegando os seus sonhos de criança ou de poeta, o homem quis saber...

Fosse qual fosse o preço.

Agora já sabe: não há lá nada.

Neste século de lucro e de mercantilismo, ele esperava «tirar qualquer coisa».

(Continua na pág. 3)

Director, Proprietário e Editor: ADRIANO SIMÕES SANTO • Administradores: SERAFIM AFONSO e ARMÉNIO MARQUES FERREIRA • Redactores: CARLOS MANUEL MENEZES FALCÃO, ADRIANO MARQUES • ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO ROCHA • Composto e impresso na «GRÁFICA DE COIMBRA» — Telef. 22857

VOZ
das
CINCO VILAS
ORÇÃO INTERPAROQUIAL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE
Telefone 191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

Continente	20\$00
Ultramar Português e Estrangeiro	30\$00
Por avião	60\$00

(Pagamento Adiantado)

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Assinantes Benefeitores

Com 160\$00 — Fernando Gaspar Medeiros — Angola.

Com 120\$00 — Fernando Simões Vaz — África do Sul.

Com 100\$00 — José Henriques Marques — Moçambique; António Rodrigues Serralha — Beira; António Lopes Godinho da Silva — Santos.

Outros assinantes

Alberto Gaspar Jorge — Lisboa; Augusto da Silva Pereira Alexandre — Lisboa; José Gonçalves — Furadouro; Palmira Nunes dos Santos — Lisboa; Virgílio Mendes — Angola; António Marques do Rego — Alnofala de Cima; João Vicente Palhota — Chão de Couce; Alfredo Duarte Moreira — Fato; Angelina das Neves — Cavadas; António dos Santos — Venezuela; Maria Lucinda Mendes — Tete; Joaquim Marques — Venezuela; José Simões Veríssimo — Cabecinho; José Fernandes — Comoros; Américo Fernandes — Pontão; Deolinda Fernandes — Pontão; Alberto Simões — Pontão; Gualdino Crisóstomo — Pontão; Ricardo Godinho — Pontão; Eng. Alberto António Cardo Amadora; Vítor Godinho Rodrigues — Coimbra; Armando Matias de Carvalho — Coimbra; José Rodrigues Bicho — Alemanha; Artur Teixeira Forte — Lisboinha; José dos Santos — Buarcos; Manuel dos Santos Duarte — Chimpeles; António Rodrigues Serralha — Beira; Jaime Boavida Sardinha — Odívelas; Armando Marques — Avelar; Manuel Gomes — Lisboa; Ermelinda Ferreira Gomes — Avelar; Padre Filipe Antunes dos Santos — Ansião; Eduardo Silva Santos — Cabecinho; Maria do Céu Marques da Silva — Lourenço Marques; João Augusto Saraiva Isento — Avelar; Santos & Marques — Lisboa; José dos Santos — Sertã; José Henriques Marques — Moçambique; António Afonso Marques Ramos — Furadouro; Viúva de Manuel Mendes Morgado; António Freire Neño — Trás da Vinha; Clara Serra Lopes — Chão de Couce; Valentim Godinho — Espinheira; Manuel José Veríssimo — Lisboinha; José Mendes — Santos, Brasil; José António — Bacelinhos; Emídio José Veríssimo; Fernando Marques das Neves — Pedra da Adegas; José Veríssimo — Espinheira; Manuel Rodrigues Cortez — Bacelinhos; Adriano José Veríssimo — Lourenço Marques; João Ventura — Pereiro Baixo; Júlio José — Cerrada da Mata; Adriano Ventura — Chão de Couce; João da Silva — Barraca; Manuel Gaspar — África; Abílio Afonso — Furadouro; Abílio Rodrigues — Pedra da Adegas; António Mendes — Comoros; António Ferreira — África

do Sul; José dos Santos — Angola; Adelino Gomes da Silva — Angola; Amadeu Godinho de Matos — Poeiro; José Simões Ribeiro — Outeiro da Mó; Manuel Simões Lopes — Amieira; Joaquim Marques Ferreira — Amieira; Joaquim Lucas — Carvalhal, Vendas de Maria; Emídio dos Santos — Lobito; Alberto Lucas Afonso — Pousaflores; Francisco Freire — Vila Pouca; Joaquim de Freitas — Venda Nova; Ernesto Simões Estanqueiro — Babelo; Ribeira de Alge; Mário Simões Vaz — Pedra do Ouro; Dr. António Neves da Gama — Avelar; Arlindo Mendes Serra — Pontão; António Simões — Fato; Adriano Mendes — Tojeira; António Ferreira — Avelar; João Pires Santiago — Maxial; Joaquim Marques Ferreira — Serra de Mouro; Marcolino Marques André — Pereiro; Maria Helena da Conceição — Coimbra; Manuel dos Santos Duarte — Chimpeles; Alberto Augusto da Silva — Furadouro; Emídio dos Santos — Lobito; Manuel Ferreira — Montinhos; Au-

gusto Teixeira Forte — Barroca; Manuel Freire — Alqueidão; Maria Helena Ventura Martins — Moçambique, Beira; Alberto Rosa Rodrigues — Adegas; António Faustino — Brasil; Abílio Freire Correia — Tojeira; Alberto Dias — Furadouro; Manuel Mendes Paideiro — Cabecinho; Marçalo da Conceição Caetano — Barroca; Emídio José Veríssimo — França; David Lima da Silva — Quelimane; Florina dos Santos Faria — Chão de Couce; Francisco Simões — Tojeira; Alberto da Silva — Santos; José Fernandes — Quinta de Baixo; António de Freitas Inhaminga — Beira, Moçambique; Paulo Rodrigues da Silva — Cerrada da Mata; Raúl da Cruz — Casal de Baixo; Dionísio Mendes Martins — Quinta de Baixo; Hermes Pedro da Costa — Lisboa; Alfredo Arnaut Fernandes — Avelar; Abílio Simões — Lagoa, Ameixeira; Eugénio Marques — Olivais-Sul; João das Neves António — Lisboa; José da Silva Dias — Lisboa; Eduardo da Silva Santos — Cabecinho; Alberto Freire —

Amieira; Virgílio Cerca — Quinta da Rosa; Anacleto Lopes Fernandes — Poeiro; Manuel da Silva Patrício — Angola; Alberto Ferreira — Lisboinha; Eugénio Marques — Lisboa; Alberto Ferreira — Lisboinha; Augusto Simões de Freitas — Venda Nova; Francisco dos Santos — Palheiros, Maças de D. Maria; Alberto Faustino — Guiné; António Rodrigues Borges Júnior — Ameixeira; Fernando Gomes da Silva — Coimbra; Acácio Gomes da Silva — Ferrarias; Albino José da Ascensão — França; Abílio César Ferrão Castel-Branco — Avelar; Manuel José Faustino — Cabecinho; Carlos Simões Pinheiro — S. Paulo; Abílio Coelho da Silva — Santos; Adriano Dias dos Santos — Santos; Francisco Lopes Luciano — Galegas; José Maria de Freitas Alves — Avelar; José do Nascimento Ferreira — Avelar; D. Albertina Calado — Avelar; António Pires Grego — Azeitão; D. Maria Augusta Ferreira Jacob — Avelar.

(Continua)

RECIBOS A COBRANÇA

Além destes assinantes que liquidaram espontaneamente as suas anuidades há outros a quem foram enviados recibos à cobrança, pelo correio, e que, deste modo, também puzeram em ordem as contas com o jornal.

Por falta de espaço não podemos publicar os seus nomes. Que nos desculpem.

Desastre mortal

Na fábrica de Lanifícios «Têxtil», de Avelar, ocorreu, no passado dia 15, um desastre no qual perdeu a vida em trágicas circunstâncias, Manuel dos Santos Broegas, de 40 anos, casado, residente no lugar da Rapoula.

Tendo sido apanhado por uma correia de máquina teve morte imediata.

O funeral realizou-se no dia imediato com grande acompanhamento.



**apoio
firme
ao trabalho
nacional**

**BANCO
PORTUGUÊS
DO ATLÂNTICO**

**BANCO
PORTUGUÊS
DO ATLÂNTICO**

1919

CHÃO DE COUCE

NOVOS CRISTÃOS

Tornaram-se cristãos pelo sacramento do Baptismo:

— Olinda Maria, filha de Marcolino dos Santos e de Ana Maria dos Santos, de Amieira. Padrinhos: Albino Mendes Tojo e Olinda da Silva Santos.

— Anabela, filha de Acácio Alves e de Maria Silvina de Oliveira Alves, da Quinta de Baixo. Padrinhos: Alberto Alves e Lucinda Gaspar Alves.

— Maria Paula, filha de Emídio Lopes Dias e de Maria Alzira Freire, de Relvas. Padrinhos: Leonel dos Santos Rodrigues e Maria de Lurdes Freire.

— João Acílio, filho de Alfredo Freire Luta e de Fernanda Rosa Simões, de Cabeça Redonda. Padrinhos: Acílio Mendes e Elvira Freire Luta.

— João Pedro, filho de Raúl Ferreira e de Leonor de Jesus Roberto, de Chão de Couce. Padrinhos: Fernando Marques e Maria Idília dos Santos Marques.

— Manuel, filho de João Guálter Ferreira e de Maria da Conceição Costa Freire Ferreira, de Comoros. Padrinhos: Emídio da Conceição Jorge e Laurinda da Silva Balsa.

— José Alberto, filho de Emídio da Conceição Jorge e de Laurinda da Silva Balsa, de Comoros. Padrinhos: João Guál-

ter Ferreira e Maria da Conceição da Costa Freire Ferreira.

Desejamos-lhes as maiores bênçãos de Deus.

NAS MÃOS DE DEUS

Faleceu no lugar do Alqueidão a sr.^a Joaquina Teresa, de 83 anos de idade, viúva de Manuel Carvalho.

— Em Chão de Couce, Emídio Sequeira Jacob, casado, de 70 anos, natural da Rascoia.

— Em Lameirão, Manuel Simões, de 78 anos, casado.

— Alberto Dias dos Santos, de 69 anos, de Amieira, casado com Maria José Lopes.

Os nossos pêsames à família.

NATAL DOS POBRES

Procurou viver-se na paróquia o Natal cristão com um sentimento e atitude prática de amor ao próximo mais necessitado.

Assim os fiéis foram convidados a dar o seu contributo em dinheiro e em géneros, nas missas do domingo, dia 21 de Dezembro. Além de roupas, cereais, etc., o povo cristão ofertou espontaneamente cerca de 1.800\$00. Quase tudo foi, depois, distribuído por 14 pobres mais necessitados, através da Conferência de S. Vicente de Paulo.

Assim, com mais caridade, viveu a paróquia um Natal mais cristão.

AINDA O ÓRGÃO DA IGREJA

Registamos as últimas ofertas para o órgão electrónico, recentemente adquirido para a nossa igreja:

— Henrique Serra — Lourenço Marques — 1.000\$00; Marcolino dos Santos — Ameixieira — 100\$00; António Rodrigues Seralha — Beira — 100\$00.

Agradecemos a todos os benfeitores e informamos que já se encontra totalmente paga a dívida com este melhoramento na igreja.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Para Nova Lisboa (Angola) partiram, recentemente, de regresso de férias, o nosso bom amigo sr. Fernando Gaspar Meideiros, de Relvas, Esposa e filhinhos. Agradecemos a atenção dos seus cumprimentos e desejamos-lhes as maiores felicidades.

— Vindo do Brasil está, entre nós, o sr. Manuel Mendes Ventura, acompanhado de sua família. Também vindo da América do Norte está na nossa terra o sr. Comendador Alberto Mendes Rosa. Vindo da Venezuela o sr. António dos Santos e José Marques, da Amieira. Vindos da África do Sul os srs. Américo Lopes, da Ponte do Freixo, e o sr. Arlindo Fernandes, dos Cómoros.

Que sejam bem-vindos!

Registo Paroquial

São os seguintes os números do Registo Paroquial, no ano de 1969, na nossa freguesia:

Baptizados — 51

Casamentos — 20

Falecimentos 35.

Pela IMPRESA

«PAZ E BEM»

Para a revista de formação católica «Paz e Bem», da Ordem dos Padres Capuchinhos, acaba de ser nomeado Director o novo sacerdote sr. Padre Acílio Dias Mendes, natural de Chão de Couce.

Temos diante de nós o primeiro número da citada revista da direcção do novo Director, apresentando-se refundida e valorizada em vários aspectos. Temas de Igreja, Família, Juventude e Actualidades, dão um tom vivo e arejado àquela publicação. Uma revista renovada num Mundo novo!

Felicitemos a Revista «Paz e Bem» e o seu novo Director, augurando-lhe auspicioso futuro.

«A VOZ DA FIGUEIRA»

Comemorou 17 anos de vida o apreciado semanário «A Voz da Figueira» que se publica na cidade-praia que lhe dá o nome.

Acompanhamos este prestigioso periódico desde o n.º 1 — desde os tempos saudosos em que também nós fazíamos sair a nossa primeira «Voz» — «Voz de Vila Verde».

Ao longo de 17 anos foi dirigido por distintos directores — Dr. Ernesto Tomé, António Vítor Guerra, Miguel da Mota Veiga Gaspar e agora o conhecido jornalista que desde a primeira hora foi a sua alma, Belarmino Pedro.

Jornal de apurado nível literá-

rio e cultural sempre se tem imposto em firmeza de atitudes em prol dum ideal de promoção social e defesa da Figueira da Foz.

Saudamos com amizade «A Voz da Figueira» e o seu Director, desejando-lhe longos anos de vida.

PLAQUETE DE «AVELAR-ANSIAO-CHAO DE COUCE»

Editado pela «Paet» — Publicidade — da R. Coelho da Rocha, 16-1.º Dt.º, de Lisboa — com texto e fotos do nosso conterrâneo sr. António José Francisco, acaba de sair a público um desdobrável sobre estas 3 vilas e sua região.

Trata-se de um trabalho meritório, bem apresentado, com dados muito úteis para a propaganda desta região. As nossas felicitações ao seu autor.

«O CASTANHEIRENSE»

Completo 34 anos de vida o nosso prezado colega «O Castanheirense», de Castanheira de Pera.

Trata-se dum semanário regionalista e cultural de óptimo nível literário e apurada apresentação dirigido pelo sr. Ilídio José Coelho que tem a acompanhá-lo um prestigioso grupo de colaboradores.

No número de aniversário destacamos as páginas da nova secção «Mundo Jovem» onde a juventude marca presença de apreciável relevo.

As nossas felicitações a «O Castanheirense» e a quantos nele trabalham.

É AMIGO DE «VOZ DAS CINCO VILAS» E DESEJA O SEU PROGRESSO?

— INDIQUE UM NOVO ASSINANTE!

BANCO TOTTA & AÇORES

SOC. ANÓN. RESP. Limitada

SEDE: Rua Aurea, 88 — LISBOA Telef. 36 9421/30 — Estado 36

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Pagamentos entre FRANÇA E PORTUGAL

SERVIÇO RÁPIDO PARA ESTA REGIÃO

Quer seja ou não nosso cliente, poderá beneficiar deste serviço se pedir na

BANQUE FRANCO-PORTUGAISE D'OUTRE MER

8, Rua du Helder, PARIS

cheques pagáveis no

BANCO TOTTA & AÇORES

AGÊNCIA EM AVELAR

Comodidade, rapidez e segurança à sua disposição e dos seus familiares

Os Emigrantes confiam-nos as suas impressões

(Continuado da pág. 6)

dou-me e eu estabeleci-me por conta própria. Aliás, lá existe muita facilidade para a gente se estabelecer.

5. — Muito bem.
8. — Não, Apenas o ser aqui aldeia e lá cidade. É a única diferença.
9. — Temos tudo como cá. Não há dificuldade em ouvir missa.
10. — É bem recebido. Não há diferença entre nós e os naturais. Tratam-nos como se fôssemos de lá.
— Está contente com o seu país de trabalho?
— Sim, mesmo muito contente, até porque espero voltar.

DA ÁFRICA DO SUL

1. — António da Silva Rodrigues, casado recentemente, natural da Mouta Redonda. Tenho 32 anos.
2. — Encontro-me há cerca de 5 anos em Joannesburgo.
3. — Claro que foi pela falta de dinheiro.
4. — Foi sobretudo a língua, mas agora já me entendo bem com eles. Para arranjar trabalho não houve dificuldade. E hoje ainda mais facilidade há em arranjar-lo. Na altura, a própria Companhia onde trabalho forçou para eu me legalizar lá.
5. — Apenas na língua é que me fui adaptando com a convivência e com o tempo. No resto muito bem. As condições de trabalho lá eram e são muito melhores que cá e portanto não há dificuldade em adaptarmo-nos ao trabalho que queremos. E assim subimos mais depressa a outro nível de trabalho. Basta dizer que eu fui de cá como simples carpinteiro e passados cinco anos já sou encarregado de construção, enquanto cá continuaria a ser o simples carpinteiro até ao fim da vida.
8. — Mantém-se a boa educação durante o trabalho. Até lá há uma educação mais correcta que cá.
Quanto a costumes temos a alimentação, que é feita à base de comidas frias.
Nas horas de serviço não se podem beber bebidas alcoólicas. Apenas chá ou café. Os bares mantêm-se fechados nos domingos e feriados.
9. — Há bastante facilidade em irmos à missa, apesar de a religião principal lá, ser o Protestantismo. Mas o português, geralmente, não foge da Igreja Católica. Conheço lá 2 igrejas católicas: a de S. António e N.ª Senhora de Fátima que foi construída pelos portugueses lá residentes. Há lá festas e até procissões como cá.
10. — Na maior parte das zonas é bem recebido. Noutras não, devido aos próprios

emigrantes. É que muitas vezes dão um verdadeiro escândalo. Muitos como cá não têm dinheiro ou se o têm não o sabem governar e lá como têm com mais abundância não o sabem segurar. E então dão-se as cenas tristes que muita vezes vemos e que são causadas pelo vinho. É por estes casos que o emigrante não é bem recebido nalguns locais. Mas não quer dizer que seja geral. Eu por mim fui bem recebido.

— Está contente com o país onde se encontra?
— Muito, senão não voltaria.

DE FRANÇA

1. — Manuel Antunes — 42 anos de idade — residente em Cómoros (Chão de Couce).
2. — Encontro-me em França há 6 anos e fui por contrato.
3. — Emigrei porque a minha condição assim o exigia, pois necessitava de melhor condição material.
4. — Em princípio custou imenso, mas após algum tempo aclimatei-me e agora sinto-me ótimo.
5. — Encontrei principalmente dificuldades no que se relaciona com a língua, mas passado algum tempo a dificuldade diminuiu.
6. — Sim. Senti saudades principalmente da família e da nossa querida terra.
7. — Os franceses são bons. Até à data não me sinto mal no ambiente que tenho.
8. — Os franceses vivem otimamente. É difícil encontrar um francês que não possua um carro, pois quase todos têm um nível de vida elevado, havendo também outros pobres, como é natural.
9. — A religião é precisamente como aqui. Ao terceiro domingo há um padre português que celebra missa para nós.
10. — Sim. Tratam-nos bem. Eu não tenho queixa deles, pois, lá, tenho bastantes amigos e além destes sinto-me como em família com eles.

★

1. — Leonel Cordeiro Pereira — casado, Almofala (Aguda).
2. — Em Cholons-sur-Marne, há 2 anos.
4. — Encontrei muitas dificuldades na língua.
5. — Com um bocadinho de custo.
6. — Não; isso não o perco.
8. — Têm uma maneira de ser muito diferente da nossa; por exemplo: recebem-nos melhor que nós os recebemos a eles.
9. — Há missa duas vezes por domingo; mais de metade pratica a religião.
10. — Depende: se forem operários, recebem-nos mal; se forem patrões recebem-nos melhor.

★

1. — José Rodrigues das Neves, casado, de Almofala (Aguda).
2. — Em Paris, há 4 anos.
3. — A língua, os trabalhos um bocado diferentes; primeiro que nós nos começásemos a habituar, foi um problema. Depois, com o hábito, e porque alguns portugueses já sabiam falar qualquer coisa, eles ajudavam-nos e já nos desenrascávamos. Tivemos que nos habituar.
4. — Já faço a vida, como se fosse cá.
6. — A terra lembra sempre, antes que aquilo seja muito bom.
8. — Quanto ao traje feminino, aquilo é um bocado diferente... para pior que cá!
9. — Uma média de meio por meio pratica; uns vão à missa, e outros não.
10. — Estimam-nos bem; não há obstáculos.

★

1. — Fernando da Conceição Gomes, solteiro, natural da Portela de S. Caetano. Tenho 21 anos.
2. — Encontro-me em Morsang-Sur-Orse, 91 — França. Trabalho lá há cerca de 4 anos.
3. — Fui com o meu pai, que já lá estava, e também levado pela aventura.
4. — Foram poucas. Apenas na língua.
5. — Bem. Apenas com o tempo me fui adaptando à língua.
Também não tive dificuldade em adaptar-me ao ambiente de barraca, onde vivi ano e meio. Hoje, felizmente, vivo numa casa. Encontrei logo trabalho, embora haja épocas no ano em que é muito difícil arranjar trabalho.

Quando lá cheguei fui trabalhar com pá e picareta. Hoje, graças a Deus, trabalho com máquinas, ou então de «chauffeur».

8. — Lá a moral entre os emigrantes anda muito cá por baixo. Quer dizer, a boa educação lá pouco se usa. Não quer dizer que seja geral, mas na maior parte há muito desrespeito.
9. — Onde me encontro temos missa e assistência, mas só em francês. Mas há locais onde há missa em português e padres portugueses. Quem quiser levar uma vida religiosa boa pode levá-la na mesma.
10. — O emigrante não é bem recebido em todas as regiões. Nós os portugueses não somos dos melhor recebidos, mas também não somos dos piores.
Não é geral, mas uma grande parte dos franceses não gosta de nos ver lá, apesar de necessitarem do nosso trabalho. Isto também é motivado por muitos portugueses irem para lá sem normas nenhuma. Muitos vão para lá com 40 anos ou mais, sem nunca terem saído da

sua terra e claro, vão para lá, e pensam que estão no seu país, o que não deve ser. Devemos pensar que estamos em país estrangeiro e portanto devemos portar-nos como bons cidadãos do nosso país.

— Soubemos que o teu pai teve lá um desastre. Acontecem lá muitos desastres entre os emigrantes?

— Sim, mesmo muitos, tanto em vias de trânsito como no trabalho.

O que nos vale é a assistência rápida que temos. Basta dizer que quando o meu pai teve o desastre, veio logo a ambulância e a polícia de moto que foi à frente da ambulância.

— Estás contente com a França?

— Graças a Deus, estou.

DO LUXEMBURGO

1. — Américo de Deus. Casado. Moutas (Chão de Couce).
2. — Estive no Luxemburgo para onde fui em Março deste ano. Vim para férias de dois meses e depois volto para lá.
3. — Fui para o Luxemburgo por estar lá meu irmão, Mário Duarte.
4. — Sim, dei-me bem.
5. — Encontrei dificuldades na língua e, também, com o clima que é muito frio. Neste tempo o Luxemburgo encontra-se coberto de neve e, todos os dias, homens a limpar as ruas.
6. — Senti saudades da nossa terra e mais da família.
7. — Não encontrei diferença: os luxemburgueses tratam-nos honestamente.
8. — O nível económico é elevado, muito superior ao nosso.
9. — Há muita religião e também festas religiosas com procissão e filarmónica, muito maiores que as de cá. Encontra-se lá um padre português que celebra missa em português e espanhol para os emigrantes.
10. — É bem tratado, como também o emigrante espanhol e italiano que lá existem em grande número.

Disse-nos ainda o sr. Américo de Deus que no Luxemburgo não há tropa obrigatória. É só para os voluntários que vão para a polícia. O Luxemburgo é um pequeno país onde existe agricultura à base de tractores, produzindo batata e leite que vende para o Mercado Comum. Os emigrantes não vivem em bairros de lata, como noutros países, pois não é ali autorizado.

DA ALEMANHA

1. — Marcolino dos Santos; 32 anos. Casado. Ameixieira (Chão de Couce).

2. — Encontro-me na Alemanha Ocidental, em Bracht, a 1 quilómetro da fronteira com a Holanda há 7 meses, ido de França, onde estive antes 3 anos. Fui com contracto.

3. — A fim de melhorar a vida. Por acaso tem melhorado, não tem andado para trás como por vezes acontece. Tenho de dar graças a Deus.

4. — Adaptei-me bem. Quem tem vontade e espírito de trabalho adapta-se.

5. — A principal dificuldade é a língua. Custa bastante a compreender de início. Depois lá vamos. Acabei por gostar da linguagem e do trabalho.

Dificuldades em alojamento não tive porque o patrão o forneceu. Trata-se duma grande empresa. Aliás isso de bom alojamento é exigido em toda a Alemanha.

As vezes o clima, um pouco mais frio, é que custa mais.

6. — Senti sempre muitas saudades. Mas a correspondência constante e as notícias diminuía bastante esse sofrimento.

7. — Alguns sim. Outros não. A maior parte, entretanto, mostra-se amiga e compreensiva. O ambiente é são e há respeito.

8. — O nível de vida é ótimo! Quase todos os operários têm carro e vivem em boas casas. O que não quer dizer que também não haja por lá miséria — normalmente por culpa de cada um.

9. — Há lá bastante religião. Há ótimas igrejas onde eu costumava ir aos domingos. Via-as quase sempre cheias, mais que em França.

Impressionou-me como quase toda a gente tomava parte na oração e cânticos da missa. Mais de 80% vai à Comunhão.

Não conheci lá padre português, embora me conste que existe próximo, a cerca de 70 quilómetros.

Há muito respeito pelo padre. Notei que mesmo na cidade muitos, ao passar, o cumprimentam.

10. — Não noto falsidade. Somos muito aliados uns aos outros.

11. — A vida dos emigrantes na Alemanha é mais digna e decente que noutros países. Não vi por lá os portugueses em vida tão aciganada nem feitos «bandulos» como na França.

Exige-se bom alojamento. Os patrões e, até, a polícia, vão fiscalizar e ver se há limpeza.

Postal aos Emigrantes

(Continuado da pág. 6)

Não imites esses pagãos que fazem do dinheiro o seu deus. Há um só Deus, a quem, ao Domingo, terás de obsequiar, de um modo muito especial.

Nunca o esqueças. Queria dizer-te muito mais, mas não posso, desta vez.

Desculpa-me o desataviado destas frases, mas crê que são ditadas pelo coração amigo e saudoso do teu

PÁROCO.

Problema Religioso dos Emigrantes

(Continuado da pág. 6)

tantes do país em que reside: língua, costumes, contactos, tudo se lhe afigura muito estranho e muito difícil. Na Alemanha, sobretudo, o convívio é pouco ou nulo, dada a reserva natural do povo alemão, principalmente no norte. Muito poucos são os estrangeiros que frequentam as missas em alemão. Nações católicas, como a Itália, a Espanha e Portugal têm as suas «missões», com capelães próprios e «centros» adequados para recepção, jogos e aulas de alemão. A missão espanhola e a italiana dispõem de dois sacerdotes, o que permite assistência mais assídua e mais eficiente. A portuguesa dispõe apenas de um sacerdote, o que é muito pouco, devido à área imensa que este tem ao seu cuidado, desde a fronteira da Holanda até Berlim, e desde o centro da cidade de Hamburgo até às duas maiores paróquias dos arredores: Wilhelmsburg e Harburg. Urge que haja ali, pelo menos, dois sacerdotes.

As autoridades religiosas não só não dificultam, mas reclamam a ida de tais sacerdotes. A correspondência dos emigrantes, do ponto de vista religioso, à solicitude que a Hierarquia para com eles revela, é que deixa muito a desejar. Se, na França, um pároco me dizia que na sua paróquia só os portugueses é que iam à missa, na Alemanha párocos houve que me estranharam a ausência dos portugueses na missa dominical. Pode dizer-se, pelas informações colhidas, que nalgumas zonas a maior parte dos emigrantes (inclusive dos portugueses) faltam à missa ao domingo. Verdade é que os alemães não dão melhor exemplo; além de na grande maioria das cidades alemãs a percentagem de católicos ser inferior à dos protestantes (em Berlim 10%, em Hamburgo, 15%, em Colónia, 50%, em Estugarda e em Munique, 60 a 70%), cidades há onde os próprios católicos vão apenas 20% à missa do domingo; jovens de ambos os sexos, nalgumas zonas como em Hamburgo, são pouquíssimos os que frequentam a Igreja.

Numa coisa dão os católicos alemães grande lição aos emigrantes: compreendem melhor o sentido de assistir à missa, indo praticamente todos à comunhão. Não é que se confessem todos, cada vez, para comungarem; sabem que, na maioria dos casos, isso não é preciso. Os bispos ordenaram, até, que as crianças fizessem a primeira comunhão e só daí a dois anos é que se confessassem. Isto está, aliás, de harmonia com o pensar de grandes moralistas modernos, como B. Häring, que opinam ser difícil que uma criança possa formar consciência certa de pecado grave antes dos doze ou treze anos.

Em muitos dos emigrantes estrangeiros comprovámos anomalias como esta: só iam à missa ao domingo, se após a celebração havia exibição de filme. Nos nossos portugueses ouvimos raciocínios como estes: eu sou católico, porque em pequeno me levaram à igreja e me baptizaram, quando eu ainda não podia saber o que fazia; a religião dos Padres é diferente em Portugal e na Alemanha, logo quer dizer que não é verdadeira; eu nunca pus os pés na igreja e a religião nunca me fez falta alguma, etc.

Estamos, porém, em crer que, se houver sacerdotes zelosos, que visitem assiduamente essas almas, que procurem metódica e paulatinamente instruí-las, boa parte dos obstáculos poderão ser facilmente removidos.

Quem assiste aos Emigrantes Portugueses

(Continuado da pág. 7)

Canadá

Padre Alberto de Araújo Cunha — 609 Adelaide Street, W — Toronto — Ontário — Telefone 366-2326.
Padre Frederico Fatela — Eglise Santa Cruz — 4440 rue Clark — Montréal 18 — Québec — Tel. 844-7052.

França

Missão de Paris — Padre José V. Vaz Pinto — Padre José António das Neves — Padre Amândio da Cunha Antunes — 4, Rue Auguste Vitu — Paris XV — Tel. 2504435.
Padre Alberto de Michelena — 42 Cours Maréchal Joffre — 40 DAX (Landes) — Tel. 669.
Padre Alexandrino Rodrigues Cardoso — 5, Rue S. Laurent — Clermont-Ferrand — Telefone 913294.
Padre Ângelo Iglésias — 8, Rue Bernard Palissy — 37 Tours — Tel. 535847.
Padre António Alberto Pinheiro, O. P. — 205, Rue St. Genès — 33 Bordeaux.
Padre Dr. António Pereira Perdigão — Maison des Aumôniers — 38 Grenoble — 4, Place Vaucanson.
Padre José Cândido Silva — 92, Rue de Lyon — 71 Mâcon — Tel. 38-36-92.
Padre João Carvalho — Rue Re-

né d'Anjou — 13 Marselha (XV°).

Padre José Alves Ardérius — 127, rue de Créqui — Lyon (6.º) — Tel. 522739.

Padre José Maria Pires — 1, rue Gay — Lussac — 59 Roubaix — Tel. 738471.

Padre Júlio Homem de Almeida — 18, rue des Celestins — 78 Versailles (Yvelines).

Padre Marcel Danner — École des Missions — 68 Blotzheim — Tel. 67-41-05.

Holanda

Padre João J. van Houtert — Pr. Irenestraat 19 — Amsterdam — Zuid — Tel. (0206) 734025.

Padre José Manuel da Costa Alonso—Laan Copes van Cattenburch 70 — Haia — Telefone (070) 184-752.

Inglaterra

Padre Marcelino Humberto da Gama — Divine Mercy College — Fawley Court — Henley-on-Thames — Oxon — England.

Luxemburgo

Padre Manuel Antunes Pereira — Missão Católica Portuguesa — 29, Rue Michel Welter — Luxemburgo (Ville).

Venezuela

Padre Joaquim Ferreira — Igreja da Candelária — Apartado 14087 — Caracas.



EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Alberto Augusto Albuquerque Vasco

Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ansião

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL, no ano de 1970, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

SÃO ELEITORES:

1.º — Todos os cidadãos portugueses, de ambos os sexos, maiores ou emancipados que saibam ler e escrever português e não estejam abrangidos por qualquer das incapacidades previstas na lei n.º 2015;

2.º — Os cidadãos portugueses que, embora não saibam ler nem escrever português, tenham já sido alguma vez recenseados ao abrigo da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, desde que satisfaçam aos requisitos nela fixados.

A PROVA DE SABER LER E ESCREVER FAZ-SE:

- Pela exibição de diploma de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;
- Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;
- Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio, perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com autenticação por meio de selo branco, ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;
- Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º da citada Lei. 2.015.

NÃO PODEM SER ELEITORES:

- Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;
- Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;
- Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;
- Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;
- Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;
- Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;
- Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;
- Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

TODOS OS CIDADÃOS COM DIREITO A VOTO PODERÃO REQUERER A SUA INSCRIÇÃO, NO RECENSEAMENTO, AO PRESIDENTE DA COMISSÃO RECENSEADORA, POR INTERMÉDIO DA COMISSÃO DE FREGUESIA DA SUA RESIDÊNCIA. DO REQUERIMENTO, ESCRITO PELO INTERESSADO, DEVERÁ CONSTAR O NOME COMPLETO, ESTADO, PROFISSÃO, DATA DO NASCIMENTO, FILIAÇÃO, HABILITAÇÕES LÍTERÁRIAS E RESIDÊNCIA.

Para constar, se publica o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste concelho.

Paços do Concelho, 16 de Dezembro de 1969.

O Chefe da Secretaria,

Alberto Augusto Albuquerque Vasco

ECOS DOS AUSENTES

Gostosamente publicamos uma carta do nosso assinante José Henriques Marques:

Nova Guarda — Moçambique, 16-12-69.

Chamo-me José Henriques Marques, sou filho do sr. Joaquim Marques, do Casal Soeiro. Vim para aqui em 1964. Em 1966 ofereci-me voluntário para ir para a tropa, porque ela me preocupava e quanto mais depressa passasse mais depressa ficava livre.

Assim fiz, ofereci-me para pára-quadista e assim fui, em Fevereiro de 1966. Na Metrópole tirei os cursos e estive perto da família.

Durou quase dez meses. Logo em seguida fui mobilizado para a Guiné, em Dezembro de 66, onde permaneci até Maio de 1968. Passado algum tempo lá, e bastante duro, fui condecorado com a medalha da Cruz de Guerra de 1.ª classe pelo Ex.º sr. Governador da Guiné. No fim da comissão regressei de novo à Metrópole onde passei à disponibilidade.

Como a Força Aérea me levou para a Metrópole, de graça, para assentar praça, trouxe-me de novo para aqui, passados dois meses de passar à disponibilidade. Nestes dois meses descansei um pouco o espírito, estive com os meus familiares e amigos aí na Metrópole. Em 13 de Outubro embarquei de novo para Lourenço Marques onde estive algum tempo até arranjar emprego, o que não foi difícil. Arranjei emprego nos Caminhos de Ferro de Moçambique. Podia ficar em Lourenço Marques, mas ofereci-me para vir para a construção desta linha.

Estou aqui há um ano e tudo

vai correndo bem, graças a Deus.

Esta minha carta tem a finalidade de desejar um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de felicidades e, ainda, enviar a minha conta do jornal deste ano que está a findar.

Como não o fiz há mais tempo, juntamente envio as minhas desculpas. Aqui envio 100\$00. Se sobrar algum ficará para o jornal, ou para as obras da igreja.

Agradeço que me continue a enviar o jornal para o próximo ano para esta direcção: José Henriques Marques — Brigada de Construção dos C.F.M.

O jornal «Voz das Cinco Vilas» é, sem dúvida, um bom amigo que me põe ao corrente dos acontecimentos que se dão na nossa freguesia e arredores. A sua leitura é deveras agradável, talvez por se tratar de coisas passadas em terras por mim conhecidas e às quais eu pertencei e que não me esquecem a todo o momento.

A vida aqui é um pouco dura neste mato, mas com a leitura do jornal «Voz das Cinco Vilas» tudo se torna mais fácil.

Agora termino, enviando um abraço para todas as pessoas amigas e conhecidas e o desejo de que passem um Natal Feliz e um Novo Ano cheio de felicidades.

José Henriques Marques
Nova Guarda — Moçambique

★

Em Lourenço Marques faleceu repentinamente Joaquim Mateus, de 63 anos de idade, natural de Fonte Galega e que foi casado com Maria do Carmo Serra, da Ameixieira.

Os nossos pésames à família enlutada.

CÂMARA MUNICIPAL
DE ANSIÃO

EDITAL

ELÍSIO MENDES DE OLIVEIRA, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Ansião:

Faz saber que, de acordo com o disposto no Decreto-Lei n.º 49.438, de 11 de Dezembro de 1969, foi revista e actualizada a tabela das taxas e licenças devidas ao Município pela posse de cães, execução de obras, alvarás sanitários, ocupação da via pública, bombas de carburantes e de ar ou água, publicidade e aferição e conferição de pesos e medidas e aparelhos de medição.

Todas as pessoas, singulares ou colectivas, que estavam obrigadas a renovar as licenças de ocupação da via pública, bombas e publicidade de que eram titulares, em 31 de Dezembro de 1969, devem pedir a renovação verbalmente até 31 de Janeiro de 1970.

Se não quiserem pagar as novas licenças, deverão cessar as actividades ou factos a elas sujeitas, fazendo a respectiva participação, na Secção de Fiscalização desta Câmara.

Os serviços municipais prestarão aos interessados todas as informações acerca do regime de aplicação da nova Tabela e das licenças e taxas que a integram.

E eu, Alberto Augusto Albuquerque Vasco, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Ansião, o subscrevi.

Câmara Municipal de Ansião, 14 de Janeiro de 1970.

O Presidente da Câmara,
Elísio Mendes de Oliveira

BONS FRANGOS AOS MELHORES

PREÇOS DO MERCADO SÓ NO

Aviário Fidalgo

Telef. 163 (Avelar)

ALMOFALA DE BAIXO

No V Centenário de Vasco da Gama APELO À JUVENTUDE

Já lá vão cinco séculos, e ainda hoje, de lá, dessa longínqua distância, nos chega a mensagem de Vasco da Gama. Escutemo-la e registemo-la.

Os nossos antigos navegadores depararam de início com o Cabo Não, que tenazmente se lhes opunha e atravessava no caminho. Mas passaram além.

Persistindo na rota aventureira, foram dar ao Cabo das Tormentas, mas iluminados pelo sonho e pela fé, cristianizaram-no, baptizaram-no, de Cabo da Boa Esperança, e passaram adiante.

E assim, vencendo mil obstáculos, superando imensas dificuldades, num arranque de audácia e de fortaleza sobre-humanas, rasgaram o caminho marítimo para a Índia e deram a volta ao Mundo!

Quem está aí a dizer, que isto não foi uma obra do gigante?

E implantaram a Cruz em todas as latitudes. E levaram o Evangelho a todos os povos e a todas as línguas. E «a todo o Orbe estenderam a caridade», o amor fraterno e universal, sem distinção de raças ou de cores.

Vocação sublime! Vocação divina! Bem disse, pois, o Poeta, da Caravela Portuguesa:

«O seu rumo era a luz, o seu piloto era Deus!»

E hoje, irmãos? Já não nos guiam as estrelas? Já os aterram os Adamastores? Já não haverá por aí hoje um segundo Vasco da Gama, que «alçado», os interpele? Não se encontrará aí a mão uma inocência, para erguer ao Céu, na tempestade? Estaremos todos enfeitados pelo canto das sereias? Andaremos todos estonteados, ao lampejo dos fogos-fátuos? Já todos estaremos corruptos de escorbuto? Já porventura cantámos a nossa canção derradeira? Para vós apelo, ó jovens! De vós requeiro, que me digais, que não: Que não secou a estirpe dos heróis. Que não perdemos a nossa vocação nacional. Que não desistimos da nossa missão histórica.

De vós espero que proclameis aos quatro ventos: Renegamos de bandeiras estranhas, negras ou vermelhas, símbolos do ódio e da

Eng. Adriano Marques

Partiu para Lourenço Marques, integrado numa equipa de técnicos que vão em trabalho de urbanização daquela cidade, o nosso bom amigo e colaborador Eng. Adriano Marques, natural de Ladeira (Chão de Couce). Leccionará, também, na Universidade de Lourenço Marques.

As nossas felicitações.

descrença. A nossa Bandeira é gloriosa, mensageira da fé e do amor. Somos enviados do Alto, mas movidos por impulso interior e não tangidos de fora.

Temos uma fé, que é a Fé de Cristo, que transporta montanhas. E dela não nos arredamos, nem uma linha.

Temos uma Pátria, radiosa e bela como nenhuma outra, e aí de quem atentar contra a sua honra e integridade!

E temos a profecia do claríssimo Poeta:

«Oh Futuro Apostolado,
Em que a Língua Portuguesa
Há-de levar com certeza,
Ao mundo um novo recado
De Paz, Amor e Beleza!»

E tu, Santo Condestável, Cavaleiro aurifulgente de glória, altipotente de bravura, como te exorou outro Poeta:

«Ergue a Espada flamejante,
Para a estrada se ver!»

ABEL GUERRA

Concentração Regional da Catequese

Em Santiago da Guarda decorreu no passado domingo, dia 14, uma Concentração Regional de Catequistas do Arciprestado de Ansião e Cinco Vilas.

Estiveram presentes a passar de 100 colaboradores da educação cristã das crianças das várias freguesias.

Além duma parte de estudo houve cerimónia litúrgica na igreja e no final são convívio.

Rações

Triunfo



Distribuidor em
CHÃO DE COUCE

Mário Simões Vaz

Serafim Afonso

CONSTRUTOR CIVIL

CONSTRUÇÃO CIVIL E CARPINTARIA MECÂNICA
CHÃO DE COUCE

FAÇA AS SUAS TRANSFERÊNCIAS PARA PORTUGAL, ATRAVÉS DO

BANCO FONSECAS & BURNAY

CAPITAL E RESERVAS: 1 MILHÃO DE CONTOS



O BANCO QUE LHE PRESTA SERVIÇO DA SUA RESIDÊNCIA
EM FRANÇA, À SUA FAMÍLIA EM PORTUGAL

GRATUITAMENTE E AO MELHOR CÂMBIO, ENTREGAMOS NO DOMÍLIO DE SUA FAMÍLIA EM PORTUGAL, O SEU DINHEIRO

AGÊNCIAS EM

VILA VERDE - GUARDA - AVEIRO - SANTA COMBA DÃO - LOUSÃ - FUNDÃO

SANTARÉM - SETÚBAL - ALENQUER - ARRUDA DOS VINHOS - CARTAXO - MATOSINHOS
NAZARÉ - OLHÃO - SESIMBRA - AMADORA - PAREDE - PERO PINHEIRO - REDONDO

SEDE: R. do Comércio, 132 - Lisboa • FILIAL: Av. dos Aliados, 30 - Porto • DELEGAÇÃO: R. Visconde da Luz, 36 - Coimbra
ASSOCIADO EM ÁFRICA AOS BANCOS: TOTTA-STANDARD EM ANGOLA E STANDARD-TOTTA EM MOÇAMBIQUE

José Veríssimo



GAZ

Representações de Bicicletas, Motos,
Pneus e Câmaras de ar de todas as
marcas

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Materiais Eléctricos e
Instalações Eléctricas

FOGÕES A GAZ E ELÉCTRICOS

Telef. 1011 - CHÃO DE COUCE

A aventura espiritual de um escritor francês ajeu

(Continuado da pág. 12)

de hostilidade. Para André Frossard, simplesmente, o problema da fé não existia.

Descobriu-o aos vinte anos, mas fala somente agora, muito tempo depois, num livro que está suscitando vivo interesse em França. E descobriu-o de maneira tão imprevista, que ficou completamente mudado de um momento para o outro, na idade em que a indiferença religiosa é tão alimentada por toda a espécie de solicitações.

Desde aquele momento tornou-se clara nele a ideia da existência de Deus: «Ele é a própria realidade, é a verdade que descubro da margem obscura na qual ainda me encontro retido. Existe uma ordem no universo; e, no ponto mais alto, além do da névoa de Deus, evidência tornada presença, evidência tornada pessoa, evidência d'Aquele que os cristãos chamam Pai nosso...». Estas as palavras da crónica que agora escreveu no seu livro, narrando aquele momento longínquo que transformou toda a sua vida.

Eis o que se passou de facto. André Frossard com os seus vinte anos, já trabalha como jornalista na rue d'Ulm, em Paris. Espera que o seu amigo André Willemín, saia de um edifício cuja fachada ele observa com indiferença. Não o vendo sair, entra para o procurar. Transposto o limiar, encontra-se na capela das Irmãs da Adoração Reparadora, mas ele não sabe que se trata de uma capela ade freiras, nem o que elas na realidade são. No pequeno templo está exposto o Santíssimo Sacramento (e também a esse respeito a sua ignorância é completa), há flores ao redor, velas acesas, e fiéis que rezam. Frossard lança um olhar distraído a tudo isso, mas depois a sua atenção parece fixar-se numa das velas que está à esquerda da Custódia. Enquanto a fixa capta misteriosamente duas palavras, «vidá espiritual»; duas palavras absolutamente alheias ao seu espírito, e que no entanto desencadearão a transformação da sua vida; agora ele explica-nos que as ouviu «como se tivessem sido pronunciadas perto de mim, em voz baixa, por alguém que já via aquilo que eu ainda não podia ver».

Depois saiu. Na rua encontra o amigo Willemín que espera por ele e que fica impressionado com o seu olhar «estranho». Frossard explica-lhe tudo em duas palavras: «sou católico».

Depois, temendo não ser suficientemente claro, acrescenta: «...apostólico romano».

O que se passou? Eis a narração de Frossard: «O meu olhar (na capela) passou da sombra para a luz, volta aos presentes sem que formule algum pensamento, vai dos fiéis para as irmãs imóveis, das irmãs ao altar; depois, não sei porquê, começo a fixar a segunda vela que arde à esquerda. Mesmo a segunda, lembro-me bem, não a primeira ou a terceira. E é naquele instante que, súbitamente, se desencadeia uma série de prodígios cuja inexorável violência desmantelará num instante o ser absurdo que eu sou, para dar à luz, a criança que nunca fora».

Ele olhou também para o relógio: «são 17,10, e daqui a dois minutos serei cristão». Naqueles minutos encontrou não só a fé, mas, com ela, o sentido de não estar já só: «Eis que me foi dada, uma nova família, que é a Igreja». Com certeza, a fé que André Frossard adquiriu naquele instante (estávamos na tarde de 8 de Julho de 1935) se alimentou de comida substancial em todos os anos que se seguiram. Mas no seu livro, o A. insiste na acção fulminantemente decisiva e definitiva daquele «golpe de graça» que o atingira num lugar em que poucos minutos antes nem sequer pensava entrar.

André Frossard vivera por vinte anos num ambiente de família completamente alheio à fé. Seus pais tinham trocado Belfort por Paris, onde viviam num pequeno aposento dominado pelos retratos dos grandes revolucionários, a começar por Karl Marx. Depois da conversão, ele traçou assim a comparação entre o socialismo e o cristianismo: («Nós socialistas) éramos irmãos não apenas pela comunhão dos princípios, mas pelo sangue dos numerosos sacrifícios humanos dos milénios sem justiça. Também tradicionalmente os homens se têm considerado irmãos. Mas a nossa fraternidade não era semelhante à deles. As religiões tradicionais atribuem aos homens um pai comum; o socialismo desconhece a sua existência; a nossa fraternidade sincera e profunda, era uma fraternidade de órfãos». O «golpe da graça» obsecou-o. E aquela luz, depois, nunca mais se apagou. André Frossard, com o seu livro, deu isso um testemunho esplêndido desde há mais de trinta anos.

LEIA E GARDE PARA SEU INTERESSE

Não ponha de parte o seu fato usado, aquele fato que V. Ex.^a gostava, mas que já não gosta por ter apanhado nódoas de qualquer natureza. Mande-o limpar quimicamente ao antigo Técnico de Tinturaria

Mário Soares Dias

RETIRO DO GATO PRETO

VILA DO ESPINHAL

e verá que o seu fato ou qualquer espécie de vestuário de senhora ou criança fica como novo.

Cada freguês que sirvo, um freguês que arranjo

Fica ao vosso dispor em CHÃO DE COUCE o meu agente senhor **ARLINDO DE SOUSA (Alfaiate)**

Finanças

Durante todos os dias úteis do mês de Janeiro, encontram-se à cobrança, as seguintes contribuições e impostos:

Contribuição Industrial (liquidação provisória) Grupo B de 1969;
Contribuição Predial de 1969;
Imposto sobre sucessões e doações (anuidades, de 1970);
Impostos de circulação, camionagem e compensação de 1970.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto ou de qualquer das suas prestações, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para a sua arrecadação.

NOTA DO MÊS

(Continuado da pág. 12)

nascimento e morte de Cristo. Entretanto há uma pergunta mais profunda e insistente: conheceis a Cristo mais de perto? Nós nunca conhecemos suficientemente a Cristo».

Quando o cristão realiza um estudo consciente da realidade cristã então aviva-se-lhe a fé e sente a existência noutra perspectiva de maior beleza; então a religião não é espécie de passaporte para uma morte feliz mas modo autêntico de vida, no amor e na união com Cristo; então os problemas mais difíceis resolvem-se, como por encanto.

Estudo. Não se diga que já se sabe o suficiente, que bastam os conhecimentos adquiridos... «Mesmo quando se possui a verdade não se possui a verdade toda», advertia, há pouco, uma ilustre figura da Igreja.

Os livros inspirados da Sagrada Escritura — em especial os Evangelhos, Epístolas de São Paulo e Actos dos Apóstolos — e outras obras de esclarecimento e formação cristã não devem faltar na biblioteca do homem que quer viver a Verdade. Mais: importa, depois, custe o que custar, dedicar algum tempo ao estudo e meditação de tais livros.

Se aos outros problemas se dedica tanto tempo, será razoável esquecer o principal?

Voz dos Militares no Ultramar

Este é o teor duma mensagem ultimamente recebida:

«Venho por este meio desejar-lhe um Natal muito feliz, e um Novo Ano cheio de prosperidades. Os mesmos votos são para todos os que se encontram nesse cantinho de saudade.

Ao mesmo tempo aproveito também para lhe comunicar que por motivos de serviço deixei a costa atlântica de Angola, fazendo assim a missão de cruzeiro e patrulha na costa índica de Moçambique, esperando sempre pelas notícias conterrâneas.

Subscrevo-me

de: bordo navio de guerra «Alvarês Cabral», 2-12-69

Américo Gomes Morgado
(1.º G. R. E.)

António Marques Boavida

AGER
PORTUGAL

Fabricante de Bombas «AGER»
IMPORTADOR DE MOTORES

Telefone 161 (Avelar)

Avelar — ALMOFALA DE BAIXO

Seja prático, compre Grupos electro-bombas Auto-aspirantes, «AGER» o grupo que resolve os seus problemas, podendo trabalhar suspenso por um guincho que o poderá subir e descer conforme o nível da água

CONSULTE O AGENTE NESTA ÁREA...



Cerâmica de Figueiró dos Vinhos, Limitada

TELEFONE 162 (Rede) Avelar

ALMOFALA DE BAIXO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telha marselha — Acessórios — Telha regional

Tijolos furados de todos os tipos

Tijolos prensados e maciços



Franco
Cabeleireiro

ARTE E BOM GOSTO
ao Serviço da Beleza Feminina
Telef. 101
PONTÃO — AVELAR

Armazéns do Pontão

DE

RICARDO, FERREIRA, SANTOS, MARQUES & C.^ª, L.^{da}

MERCEARIAS, VINHOS, SERRAÇÃO DE MADEIRAS

PONTÃO — AVELAR — Telef. 21 (AVELAR)

NOS SEUS TRABALHOS PREFIRA

JOSÉ MENDES

PINTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL



AGENTE OFICIAL DAS TINTAS

Telefone 131

PONTÃO — AVELAR

Mário Simões Vaz

Mercearias

Ferragens

Miudezas

Louças

Malas

Materiais de construção

Adubos

TINTAS «DYRUP»

Rações TRIUNFO



GAZCIDLIA

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

Telefone 155 — Pedra do Ouro — CHÃO DE COUCE

Voz das Cinco Vilas

Pelo Progresso Espiritual
e Social da Região

NOTA DO MÊS

Ao encontro da verdade

Assim me falava há pouco um bom amigo:

«É de lamentar que nós os cristãos, que dedicamos tanto tempo a outros problemas, esqueçamos ou ponhamos em segundo plano o religioso que é, afinal, o problema principal da vida».

Sem dúvida, palavras sensatas, testemunho ardente dum cristão que vive muito a sério a sua fé. Testemunho que faz reflectir.

Dedicar-se ao problema religioso não é apenas dispensar o tempo e esforço necessários à oração em casa ou na igreja. É também estudar, em profundidade, a doutrina base da fé que se vive.

É frequente encontrarem-se cristãos adultos com uma instrução religiosa de criança. Tudo neles evoluiu — cresceram no corpo e cultivaram a sua inteligência numa visão mais ampla da vida e do Mundo — só a cultura religiosa ficou resumida aos rudimentos duma catequese deficiente, a umas rápidas reflexões da homília dominical, à leitura de notícias por vezes deformadas da vida da Igreja ou aos comentários eivados, não raro, de malícia ou de preconceitos.

Sendo certo que o homem só se realiza plenamente na verdade e que só se ama o que se conhece é imprescindível que ele dedique ao estudo da verdade religiosa o tempo e o cuidado indispensáveis.

Na Constituição «A Igreja e o Mundo Contemporâneo» afirma-se: «pela fidelidade à voz da consciência os cristãos estão unidos aos outros homens no dever de buscar a verdade e de nesta resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social».

Esta directiva tem-na o Santo Padre Paulo VI apresentado repetidas vezes. Falando aos jornalistas afirmava: para falar da Igreja é preciso conhecê-la e para a conhecer é preciso estudá-la». E aos fiéis duma paróquia de Roma dizia, não há muito: «Todos conhecemos o

(Continua na pág. 11)

JANEIRO DE 1970

A aventura espiritual de um escritor francês ateu

Saiu em França (Editor Fayard) um livro com o título **Deus existe, eu encontrei-o**. É a história de uma conversão e o seu autor é um dos personagens mais importantes do jornalismo francês: André Frossard, conhecido entre outras coisas pela sua rubrica, «Cavalier seul» no diário «Figaro».

André Frossard é filho de Ludovic-Oscar Frossard, que foi o primeiro secretário geral do partido comunista francês há

cinquenta anos, e que chegou a ser ministro. André, educado no ateísmo marxista, até quase aos vinte anos, ficou completamente alheio a qualquer tipo de inquietação religiosa. Não podemos dizer que fosse inimigo da religião, porque a inimizade requer um certo ponto de contacto ainda que esse contacto seja

(Continua na pág. 11)

DESPORTOS

L. Chão de Couce, 5
Maças de D. Maria, 0

No passado dia 28 de Dezembro, no campo de futebol de Chão de Couce, realizou-se um encontro entre o Lusitano G. de Chão de Couce e o Desportivo de Maças de D. Maria.

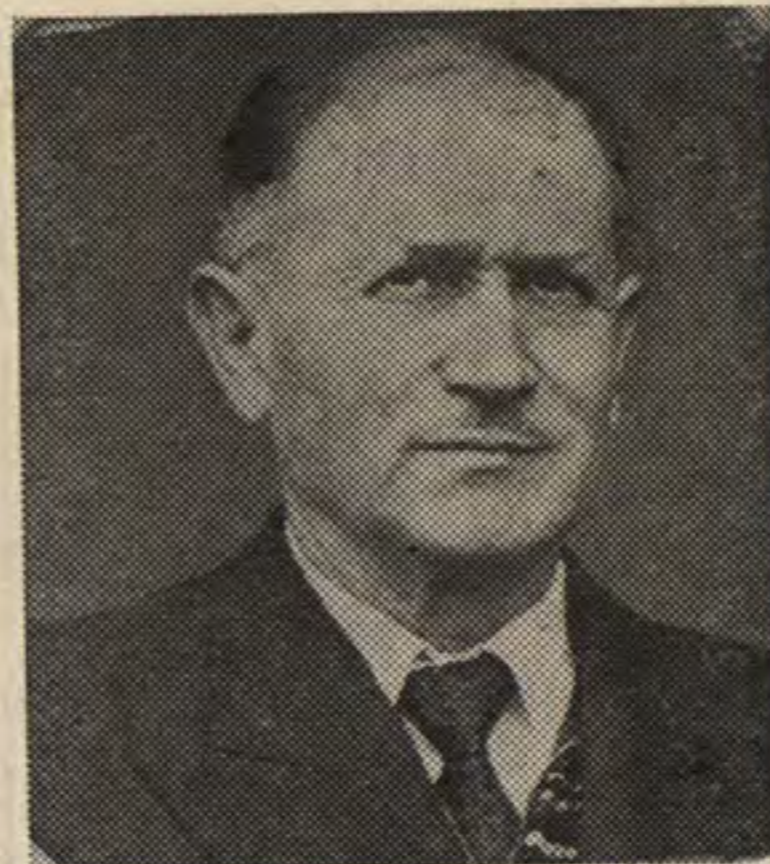
Houve luta tenaz de parte a parte. No fim do primeiro tempo o grupo de Chão de Couce venceu por 4-0. Ao intervalo foi mudado o guarda-redes do «team» visitante. O encontro terminou com a vitória dos donos da casa por 5-0.

Não obstante o tempo de frio e chuva que fazia, ainda se deslocou ao campo de futebol um razoável número de pessoas.

J. D.

Deslocou-se ao Brasil ao casamento dum filho e faleceu

O sr. António Marques Ferreira e sua esposa sr.ª Emília Faria, de Vila Pouca (Chão de Couce), foram convidados por seu filho Norberto, residente no Bra-



sil, a deslocar-se àquele País, a fim de assistirem ao casamento deste com a menina Mabilde Rodrigues Dias, natural de Barroca, e também ali residente.

Os felizes pais deslocaram-se de avião e tudo inicialmente correu bem. Entretanto o sr. António Marques Ferreira, que era cardíaco, começou a sentir-se mal no final da viagem. Assistiu depois ao casamento em ambiente de grande alegria. Porém, três dias depois, sucumbiu a uma síncope do coração.

O acontecimento originou em todos a maior consternação. A viúva ficou junto com este seu filho recém-casado e doutro ali residente sr. Arnaldo Marques Ferreira.

O sr. António Marques Ferreira tinha 71 anos de idade, foi sempre um homem de bem e bom cristão, que gozava na terra das maiores simpatias e amizade.

A toda a família apresentamos a expressão do nosso vivo pesar.

Galeria Infantil

Uma Galeria risonha em duas imagens.



A primeira uma troupe simpática, inofensiva de 5 primos — os filhinhos de três casais — dos manos Raúl e Mário e mana Celeste, residentes em Tete (Moçambique) e naturais de Mata de S. Jorge).

Chamam-se Rui, Nandito, Gínnha, Paulinha e Tininha.

Beijinhos para todos e muitas felicidades!



A segunda é a do simpático casal do sr. Adriano Marques, natural do mesmo lugar de Mata de S. Jorge, e de sua Esposa, residentes na cidade de Lourenço Marques, com o seu primeiro bebé.

Parabéns e que Deus abençoe este casal.

No Próximo Número:
Entrevista sobre a
«Filarmónica Avelarense»

Apontamento

DELICADEZA NO RECEBER... E NO DAR!

Na última semana de Dezembro, visitámos, com um dos rapazes da Obra maravilhosa que o Padre Américo nos legou, alguns estabelecimentos fabris, em Avelar. Seria ingratidão, não dizer duas palavras do que foi essa maravilhosa jornada. Não queremos referir-nos à quantidade ou qualidade das ofertas. Não importa esse facto, para o caso. Ficámos realmente maravilhados, com o que aconteceu numa dessa fábricas. O seu proprietário, é dos que não vai à missa, nem ostenta emblemas na lapela do casaco! Mas que encantador exemplo de cristianismo autêntico ele nos ofereceu!

As suas palavras gentis, a delicadeza com que fez a sua oferta, as frases de aplauso à obra dessa grande figura de Pai Américo, fizeram-nos comover até às lágrimas. No final ainda agradeceu a nossa visita.

Assim está bem!

Mesmo que ele não tivesse oferecido nada, nunca mais esqueceríamos o seu gesto. Bem haja. Ele e todos.

Que o Senhor acrescente em bens espirituais e materiais todos os bons Amigos que nos recerbam e ajudaram.

TAISS

O SENTIDO DA NOVA LITÚRGIA

DEUS falou aos homens. Não o fez, porém, de uma só vez, mas pouco a pouco, gradualmente. Deus foi educando a Humanidade ao longo de milénios. Usou duma pedagogia na Sua Revelação. A Bíblia contém essa Mensagem de Deus aos homens: a Revelação dos Seus mistérios e a Palavra que Ele nos dirigiu através dos tempos.

A Liturgia deve ser, precisamente, a Resposta do Homem à mensagem divina. A Liturgia não é, portanto, apenas um cerimonial ou um conjunto de regras de estética, mas a própria vida da Igreja e o modo como esta vive na terra o Mistério da Salvação, para nós merecido por Cristo. A Liturgia não se aprende, nem se define. Não se descreve, nem se comemora. A Liturgia vive-se. Cada acontecimento litúrgico constitui um encontro de Deus com os homens.

Ao longo da história, a Liturgia foi-se modelando à luz da cultura e civilização romanas, a ponto de pouco «falar» aos cristãos da Ásia, da África, e da Oceania e até de Portugal e outros países. Antes do Concílio, a Missa poderia mesmo ter o aspecto, vista exteriormente, de um culto por vezes mágico e supersticioso, comandado ao ritmo de determinadas regras, chamadas ritos.

Foi para que as nossas Missas retomassem o sentido de uma celebração comunitária e constituíssem um autêntico encontro com Deus, que foram introduzidas as últimas reformas.

Depois da introdução da língua portuguesa, de várias orações eucarísticas, de três leituras bíblicas e de um novo conjunto de orações na Missa e da entrada em vigor de um novo calendário litúrgico, os cristãos das diferentes regiões e etnias do globo, poderão celebrar a Liturgia segundo a própria língua, a maneira de ser dos vários povos, dos seus costumes, da sua cultura e civilização.

Deste modo, o nosso encontro com Deus na Liturgia será mais rico e denso.

A nossa resposta à Mensagem de Deus poderá ser, por nós, mais sentida e vivida.

ACÍLIO ROCHA

AS ALTERAÇÕES NA SANTA MISSA

As principais alterações podem resumir-se no seguinte:

1. É toda a Assembleia dos fiéis que celebra a Santa Missa.
2. Cada qual deve assumir o papel que lhe compete.
3. A liturgia da Palavra de Deus não tem menos importância do que a Liturgia Eucarística.
4. Deus fala-nos na Liturgia através dos acontecimentos da História da
5. O canto passa a ocupar na Liturgia lugar de maior relevo.
6. As palavras, os gestos e os sinais alcançam um maior sentido e compreensão na Liturgia.
7. As celebrações litúrgicas passam a adaptar-se às circunstâncias de civilização e cultura de cada região.

O MUNDO MODERNO QUE ADORA AS NOTAS BIOGRÁFICAS DAS ESTRELAS DE CINEMA NÃO QUER SABER DAS PONDERAÇÕES DO EVANGELHO; DIZ SIM AO CRISTO, PORÉM AOS SEUS CONSELHOS RESPONDE NÃO.

PLÍNIO SALGADO — em «Aliança do Sim e do Não»